



Escolha bem seu deputado

Não adianta eleger um presidente e esquecer que ele precisa do Congresso

SOB RANÇELHAS SE LEVANTARAM QUANDO A CÂMARA dos Deputados publicou, dias atrás, em revistas de circulação nacional, publicidade paga de suas atividades. Em quatro páginas, pretendeu divulgar, “para quem ainda acha que a Câmara dos Deputados não faz nada”, o que chamou de “uma pequena amostra desse nada que está mudando tudo na vida de muitos brasileiros”.

Mas que diabo é isso? — terão se perguntado muitos cidadãos. Alguns deputados e setores da mídia também estranharam a iniciativa do presidente da Câmara, Aécio Neves (PSDB-MG), que investiu em publicidade parte da verba que economizou nos gastos da Casa.

Apesar das críticas, a decisão não deixa de ter sentido. Os brasileiros precisam conhecer mais não apenas a Câmara, que os representa diretamente, mas também o Senado, que, segundo a Constituição, representa os estados. O anúncio mostra que foram aprovadas, nos últimos 14 meses, 686 novas leis, e alinhava outras estatísticas, como as 336 sessões plenárias realizadas, as 2 117 sessões efetuadas nas diversas comissões técnicas e as precisas 1 396 horas gastas em debates e votações.

Entre os projetos concluídos, relaciona o novo Código Civil Brasileiro, o Fundo de Erradicação da Pobreza, com seu orçamento de 3 bilhões a 5 bilhões de reais por ano, o que instituiu a Comissão Permanente de Segurança Pública (encarregada de propor medidas para refrear a criminalidade desenfreada) e o que referendou o acordo de reposição das perdas do Fundo de Garantia (FGTS) ocorridas nos planos econômicos Collor I e Verão.

Mas logo em ano eleitoral fazer isso? — pode-se questionar. Pois bem, precisamente em ano eleitoral é que se torna mais importante despertar interesse para o Congresso e seus integrantes. As eleições para presidente e governador tendem a devorar, com gula e volúpia, toda a atenção dos eleitores. A disputa para o Senado ainda consegue

seu magro quinhão, por ser majoritária — vários candidatos disputando uma vaga, ou duas, como ocorre neste ano. Mas, leitor de EXAME, pergunte aos amigos: quem se lembra em quem votou para deputado nas últimas eleições?

Muita gente não se lembra ou — pior ainda — nem sequer votou. E aí está um grande, formidável problema, porque a vontade manifestada nas urnas para presidente terá pouco efeito se ao eleitor não tiver ocorrido ajudar o candidato escolhendo senadores e deputados que irão dar suporte a seus planos. Quem não consegue mais engolir o governo Fernando Henrique e deseja eleger Lula, Ciro ou Garotinho vai deixar o novo presidente de mãos atadas se, com ele, for escolhida uma bancada raquítica. Quem acha que o

governo acertou mais do que errou e acredita que José Serra pode melhorar o que foi feito, vai fazê-lo passar maus bocados sem apoio no Congresso — sobretudo apoio de quem de fato se identifica com seus propósitos.

Muitos reclamam do Congresso. Em parte, com razão. Mas em bom grau por desconhecimento do que realmente ocorre ali. A Câmara e o Senado, com seus 513 deputados e 81 senadores, incluem uma vasta gama de gente vinda dos grandes centros e do interior,

dos sindicatos e das profissões liberais, do funcionalismo público e dos interesses do futebol, das universidades e do jogo do bicho, do capital e do trabalho. Tudo que é brasileiro, bem ou mal, lá está. O Congresso, apesar das distorções existentes na representação dos estados — os mais populosos, do Sul e Sudeste, têm proporcionalmente menos representantes que os das demais regiões —, acaba sendo um retrato bem aproximado e fiel da sociedade que o elegeu.

Quem não concorda deveria refletir: a culpa de quem é, senão de nós mesmos, eleitores? A solução? Votar com mais atenção — e melhor. ■

Muita gente nem se lembra em quem votou da última vez

E-mail: setti@uol.com.br